

ITINERÁRIO DE UMA VIAJANTE BRASILEIRA NA EUROPA: NÍSIA FLORESTA (1810-1885)¹

Ligia Fonseca Ferreira²

RESUMO

No século XIX, o Brasil recebeu inúmeros viajantes estrangeiros. Raríssimos brasileiros fizeram a travessia no sentido inverso. Nísia Floresta, conhecida precursora do feminismo no Brasil, constitui uma exceção. Destacou-se igualmente por seu pioneirismo enquanto viajante, mulher e brasileira na Europa, onde viverá por quase trinta anos, tendo-se radicado na França. Do relato das viagens e do exílio resultaram quatro obras escritas diretamente em francês e publicadas em Paris. Trata-se de um caso raro na literatura brasileira de escrita migrante, quando se adota uma língua estrangeira como língua de criação. Neste artigo, a partir das obras originais, analisamos a maneira como a educadora e escritora potiguar aborda sua experiência da viagem e do exílio; os aspectos interculturais presentes na comparação entre os diversos países visitados e sua terra natal; a crítica à visão dos estrangeiros que percorreram o Brasil. A erudita escritora elenca referências a autores e autoras, em sua maioria franceses, com os quais estabelece inequívocas relações intertextuais. Por fim, observaremos em que medida os textos de Nísia Floresta constituem, ou não, um contra-discurso em relação ao discurso dos viajantes europeus sobre seu país.

Palavras-chave: Nísia Floresta. Viajantes estrangeiros no Brasil. Viajantes brasileiros na Europa. Análise intercultural. Relações culturais Brasil-França.

ABSTRACT

In the nineteenth century, Brazil received a great number of foreign travelers. In the same period, very rarely Brazilians made the crossing in the opposite direction. Nísia Floresta, a known predecessor of feminism in Brazil, was an exception. She also stood up for her pioneering as traveler, woman and Brazilian in Europe, where she lived

1 Uma primeira versão deste artigo foi publicada nos *Cahiers du Brésil Contemporain*, n° 12, Paris, 1990, p. 21-41, número especial organizado pelo Prof. Mário Carelli (CNRS – Centre National de Recherche Scientifique), com colaboração dos pesquisadores sobre as relações culturais Brasil-França.

2 Bacharel em Letras e Linguística (USP), tradutora, doutora em Letras (Sorbonne-Universidade Paris 3). Docente da UNIFESP (Letras – área de língua e literatura francesa) e membro do Grupo de Pesquisa Diálogos Interculturais (Instituto de Estudos Avançados – USP). E-mail: ligia.ff@uol.com.br

for almost thirty years, having set up residence in France. The reports of her travels and exile resulted in four works written in French and published in Paris. This is a rare case in Brazilian literature of migrant writing, where a foreign language is adopted as a language of creation. In this article, based on the original works, we will analyze the way the Potiguar (person who is born in Rio Grande do Norte) educator and writer approaches her exile and traveling experiences; the intercultural aspects present in the comparison among several visited countries and her homeland; her critique of foreigners who traveled through Brazil. The erudite writer lists references to male and female authors, most of whom are French, with whom she establishes distinct intertextual relations. At last, we inspect to what extent Nísia Floresta's texts are, or not, a counter-discourse to the discourse of European travelers about her country.

Keywords: Nísia Floresta. Foreign travelers in Brazil. Brazilian travelers in Europe. Intercultural analysis. Cultural relationship Brazil-France.

Faut-il partir? rester?
Si tu peux rester, reste;
Pars s'il le faut [...]
Charles Baudelaire

Em comparação com os inúmeros viajantes europeus que percorreram o Brasil desde o descobrimento, e particularmente, depois da abertura dos portos em 1808, poucos brasileiros fizeram a travessia no sentido inverso, e quase nenhum corresponde ao retrato clássico do “viajante”, enquanto produtor de um gênero específico, a “literatura de viagem”. No entanto, no século XIX, houve uma exceção, fato ainda mais surpreendente por se tratar de uma mulher.

Em 2 de novembro de 1849, a educadora, escritora e viajante Nísia Floresta Augusta Brasileira³, então viúva, parte para a Europa onde viverá cerca de vinte e oito anos, divididos em três temporadas (1849-1852, 1855-1872 e 1875-1885), tendo a França como residência principal. Do exílio e de suas impressões de viagens resultam quatro obras redigidas diretamente em francês e publicadas em Paris: *Itinéraire d'un voyage en Allemagne* (1857); *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce* (1864); *Le Brésil* (1871); e *Fragments d'un ouvrage inédit*,

3 Pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, ou Dionísia Freire Gonçalves, ou ainda Dionísia Pinto Lisboa. Na Biblioteca Nacional de Paris, onde realizamos a pesquisa, ela é catalogada como “Mme de Farias”. “Nísia” é a abreviação do seu primeiro nome; “Floresta”, o lugar de nascimento; “Augusta”, uma alusão ao nome de seu segundo marido Manoel Augusto Faria da Rocha, com quem se casara em 1828, e pai de sua filha Lúvia; “Brasileira” é uma afirmação nacionalista bem como marca de nacionalidade antes da sua partida para a Europa. A autora adota ainda os pseudônimos de “Tellezilla”, “Telesila”, “B. A.” e “Uma Brasileira”.

notes biographiques (1878)⁴.

As cerca de 1200 páginas constituídas por essa produção representam um fenômeno ímpar, de farta significação simbólica. Como boa parte da elite letrada de seu tempo, Nísia aprendeu francês no Brasil, e antes de iniciar suas viagens já dominava à perfeição o idioma que lhe abriria muitas portas no exterior. Daí, seguramente, nasceu sua afeição, às vezes ambígua, pela França. Esta terra de exílio era para ela uma “segunda pátria” onde não sentia “estranheza” (FLORESTA, 1857, p. 40). O vínculo com a língua adotada para a criação literária estreitou-se ainda mais através da escrita.

Os escritos de Nísia Floresta em francês, fonte praticamente inexplorada até os anos 1990, permitem uma comparação excepcional com os relatos de viagem no Brasil feito por estrangeiros. Ali se descobrem elementos inéditos sobre a trajetória existencial e intelectual de uma mulher que ocupa um lugar privilegiado no âmbito das relações franco-brasileiras. Nísia inscreve-se igualmente na história do positivismo brasileiro. Isso se deve ao fato de que, no ano de 1857, em Paris, Nísia travou conhecimento com Auguste Comte e tornou-se pessoa próxima de seu *entourage*⁵. Por outro lado, graças a suas reflexões pioneiras sobre a condição da mulher, ela é considerada como fundadora das reivindicações feministas no Brasil. Seguindo pegadas de algumas europeias, com elas aprenderia a explorar o Velho Mundo.

Mulher, viajante, francófila: Nísia constrói uma ponte singular, ligada tanto à sua formação intelectual quanto a sua história pessoal, entre o Brasil e a França. Mas antes de atravessá-la em sua companhia, vejamos alguns momentos da trajetória que percorreu.

UMA MULHER ILUSTRADA: NÍSIA FLORESTA ANTES DE 1855

Dionísia Gonçalves Pinto, nascida em uma família abastada do Rio Grande do Norte, cresceu no Recife, capital cosmopolita e porto obrigatório de viajantes estrangeiros, como Maria Graham, Louis-Léger Vauthier ou Henry Koster, aos quais sempre causava surpresa a quase invisibilidade das mulheres naquela província de estilo patriarcal.

4 Ver referências. Com exceção de *Le Brésil*, as demais obras em sua maioria foram traduzidas para o português a partir do final dos anos 1990, graças aos trabalhos de sua estudiosa Constância L. Duarte. Para a pesquisa que deu origem a este artigo, foram consultadas as edições originais, presentes no acervo da Biblioteca Nacional de Paris. As citações são de tradução nossa; os excertos em francês serão transcritos nas notas de rodapé.

5 Em 1851, Nísia frequenta um curso do filósofo em Paris, mas só o conheceria pessoalmente durante sua segunda estada na capital francesa. Comte admirava a ilustrada brasileira que, por pouco, não se tornou responsável por um salão positivista que ele tencionava criar. Cf. *Lettres d'Auguste Comte à divers*. Paris: Fonds Typographique de l'exécution testamentaire d'A. Comte, tome I, 1902, p. 382-383.

Nesse contexto, e contradizendo o destino reservado às mulheres, Nísia amalha uma erudição incomum, aplicada em suas múltiplas atividades. Educadora, jornalista, escritora e tradutora, ela pertence ao grupo das raras mulheres cultas. Num país onde as escolas primárias mais parecem “casas penitenciárias” (FLORESTA, 1989, p. 57) e a leitura é considerada perniciosa para o gênero feminino, Nísia iria bem longe: escrever é mais do que um ato de provocar, é um ato de insubmissão.

A jovem Dionísia iniciou-se na vida literária⁶ em 1832, aos vinte e dois anos, publicando em Recife, sob o pseudônimo que a tornará conhecida, a obra *Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens*, uma “tradução livre” de *Vindication of the Rights of Woman* (1792), de Mary Wollstonecraft (1759-1797), obra fundadora das lutas femininas impulsionadas pela Revolução Francesa e só recentemente traduzida no Brasil. Nísia baseara-se na versão francesa para realizar a sua obra em português, trabalho que, ao final, resulta em uma adaptação quase autoral, na medida em que segue procedimentos correntes do fazer tradutório no século XIX (ROSENTHAL, 1968, p. 89). Ao longo de *Direitos...*, ela traz à tona o olhar deformador dos homens sobre as mulheres, um primeiro exercício sobre as questões de alteridade que lhe serão muito úteis, quando, mais tarde, ela se puser a escrever sobre os estrangeiros.

Depois da morte de seu marido em 1833, Nísia parte para Porto Alegre, onde assistirá à eclosão da Guerra dos Farrapos (1835-1845) e escreve, em 1847, *Fany ou o modelo das donzelas* em homenagem à combatividade das mulheres *farroupilhas*. De 1838 a 1849, residindo no Rio de Janeiro, ela dirige o Colégio Augusto, estabelecimento de ensino para meninas. A imprensa local saúda a competência e as inovações pedagógicas da diretora. No entanto, os concorrentes (estrangeiros, principalmente) acusam Nísia de manter relações duvidosas com suas alunas. A mágoa e decepção provocadas pela notícia levaram a educadora a realizar a sua primeira viagem para a Europa em 1849. A educação das mulheres continuará sendo, no entanto, um dos principais centros de seu interesse.

Em 1853, Nísia publica o *Opúsculo Humanitário*, dedicado à educação moral e intelectual das mulheres, anunciando, desde o título, a influência do positivismo, doutrina que valorizava o “poder espiritual” feminino para o aperfeiçoamento da Humanidade, associado a outras ideias dominantes na primeira metade do século, sem dúvida presentes na formação eclética de Nísia: do iluminismo ao idealismo romântico e católico, passando pelo utilitarismo inglês. Auguste Comte lê com entusiasmo um exemplar da pequena obra, oferecida pela própria autora em 1857, embora reprove o espírito um

6 Sua obra compõe-se de cerca de quinze livros (escritos em português, francês e italiano), além de inúmeros artigos publicados na imprensa brasileira e estrangeira.

tanto “metafísico”⁷, constatando que a conversão de Nísia ao positivismo não fora total.

Antes de retornar a Paris pela segunda vez em abril de 1856, em companhia de sua filha Lívia, Nísia sofre duras perdas e rupturas: o abandono definitivo do ensino; a morte de sua mãe em 1855; a separação do filho que ela só voltaria a rever dezesseis anos mais tarde. A carreira de educadora e escritora fora interrompida. Nísia, então, inventa-se outra: a de “estrangeira”.

BREVE ESCALA METODOLÓGICA

A primeira publicação francesa de Nísia Floresta, *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*, encerra impressões de viagem que a autora não pretendia destinar ao público. Segundo sua prefaciadora, Eugénie Pelsef, aquelas páginas “graciosamente escritas e cheias de poesias” eram destinadas a familiares no Brasil, fazendo-nos supor que, entre eles, se praticava a língua francesa. Essa obra, bem como *Trois ans en Italie...* são modelos típicos do relato de viagem. Em *Le Brésil*, a viajante tenta descrever seu país “tal como ele é”. *Les Fragments d'un ouvrage inédit...*, homenagem a um irmão falecido, apresentam uma pequena autobiografia e a odisseia vivida em Paris por ocasião da Comuna em 1870.

Do conjunto resulta um amálgama heteróclito, uma escrita por vezes imprecisa e prolixa. Num estilo contendo excesso de alusões, clichês ou metáforas empoladas alternam-se, sem muito rigor, confissões epistolares, anotações de diário íntimo, descrições de cidades e monumentos, narrações históricas, descrições de pessoas, lamentações ou lembranças do Brasil. Por vezes, é difícil identificar o “destinatário” realmente imaginado, e o leitor pode tomar um caminho errado. Nesses textos naturalmente descontínuos e fragmentários, as datas não são indicadas de modo sistemático, o que nos impede de restabelecer com precisão a ordem cronológica dos fatos. Essas questões colocaram um problema de método. Procuramos, então, levantar, nas obras aqui analisadas, todo comentário relativo à experiência do viajante e o exílio; à França e os franceses; às comparações entre os diversos países e seus habitantes; à visão do Brasil, dos brasileiros e dos estrangeiros. Os textos de Nísia interessam igualmente por sua complexidade discursiva, na medida em que “inscrevem o outro” e fundam, além do intertexto, níveis de enunciação heterogêneos (AUTHIER-REVUZ, 1984, p. 98-111).

7 Sobre essa obra, Comte ainda diria: “Além do opúsculo em português me mostrar que eu sabia indiretamente mais um idioma, tenho motivo para esperar que a nobre dama que o escreveu será em breve uma digna positivista, suscetível de alta eficácia para nossa propaganda feminina e meridional”. (Carta a Pierre Laffitte de 30.09.1856, in: *Testament d'A. Comte*. Paris: Fonds Typographique de l'exécution testamentaire d'A. Comte, 1986, p. 236; tradução nossa).

A própria viajante parece consciente de algumas limitações presentes em seus relatos: estes correm o risco de “decepcionar” aqueles que ali buscarem a repetição do que é dito por outros viajantes, “com talento e gosto refinado da forma aos quais [ela] não tem (...) pretensão” (FLORESTA, 1864, t. I, p. 167). Quando um escritor francês a cumprimentou pela obra *Itinéraire...*, Nísia confessa ter ficado sensibilizada, por ali se tratarem de “páginas fugitivas e sem sequência”, escritas para buscar uma distração “longe da família e da pátria” (FLORESTA, 1864, t. I, p. 123).

VIAGEM E EXÍLIO

Um “dédalo isolado”: eis como Nísia Floresta qualifica sua vida no exterior (FLORESTA, 1857, p. 52). Nem mesmo o gosto pela viagem bastou para apreciar a nova experiência fora da terra natal.

Ao visitar Frankfurt, Nísia lamenta ter fixado residência em Paris. A Alemanha aparece-lhe como lugar ideal, feito de uma “felicidade plácida e uniforme” que se encontram nas antípodas da agitação parisiense dos cafés, bailes, reuniões “exageradamente livres” onde reina a “sede de ganhos e prazeres” (FLORESTA, 1857, p. 108).

Mas por que essa mulher que sonha com “delícias inalteráveis do lar” se aventura em viagens (FLORESTA, 1864, t. II, p. 60)?

Na realidade, Nísia tem necessidade de se distrair e aliviar o peso de um “espasmo moral” como a saudade e, sobretudo, da morte de um ente querido que instaurou um vazio. A morte da mãe quebrara o vínculo mais forte com o Brasil. Porém, não se pode transportar túmulos ou lembranças. Na Itália, Nísia diz sentir inveja de um rapaz que deposita flores numa tumba familiar (FLORESTA, 1864, t. II, p. 37-38). Mesmo esse gesto de consolo se tornara impossível para ela. Ignoramos as razões que impedem Nísia de voltar ao Brasil. Mas se quisermos uma definição, o estrangeiro (como o herói de Camus) é aquele que “perdeu a mãe”. A ferida exposta a impele para a errância. A ausência, então, se torna inevitável.

Na Alemanha, na Itália ou na Grécia, Nísia busca lugares ou vestígios de povos que lhe falem dos “séculos remotos”, escapatória de um presente “sem encanto” e de um futuro “sombrio”. O estrangeiro é sempre um recém-chegado, quando não consegue compartilhar o presente e o futuro daqueles que o acolhem. A consciência de Nísia flutua numa “onda indecisa” que a prende ao Brasil (FLORESTA, 1857, p. 126). No entanto, ela se encontra dividida entre duas forças difíceis de conciliar: a voz do coração e as exigências da razão “que aspira tudo ver, tudo conhecer” (FLORESTA, 1864, t. II, p. 217). Nísia Floresta aos poucos vai suportando os sintomas da saudade, pois o viajante necessita ter a

mente calma para a sua “ciência”: observar, analisar e comparar as civilizações. Embora a viagem lhe sirva para dissimular o presente, Nísia Floresta não se entrega verdadeiramente à errância baudelairiana dos “que partem por partir”. A escolha é clara. A viagem enquanto ruptura com o universo de origem fracassa e se transforma no exercício sugerido pela epígrafe do poeta Charles-Hubert Millevoye, que a viajante brasileira após na capa de *Trois ans en Italie...*: “lançar-se ao acaso, tudo ver sem nada julgar, é percorrer o mundo e não viajar”.

VIAJANTE, MEU IGUAL, MEU IRMÃO?

Ao criticar o ponto de vista dos viajantes, Nísia Floresta dá mostras de uma intuição original acerca da relatividade dos discursos sobre o Outro. É raro encontrar, dentro das narrativas de viagem, procedimentos de natureza metadiscursiva. A reflexão da viajante brasileira revela, nesses termos, os perigos do etnocentrismo, quando não do sociocentrismo:

Os homens são os mesmos em todo lugar; a opinião sobre aquele que julgam mede-se quase sempre segundo a posição em que se encontra. O homem feliz sempre tem razão e isso tanto em sua vida privada como em sua vida pública. Com alguma modificação, o espírito de parcialidade e a injustiça dominam nas nações, e mais obstinadamente em certas classes sociais. (FLORESTA, 1864, t. I, p. 250)⁸

Para aquela mulher originária de uma nação “exótica” e “periférica” como o Brasil, as derrapagens etnocêntricas dos Outros eram observáveis onde quer que ela fosse na Europa, demonstrando a extensão dos clichês sobre seu país, clichês que ela tenta denunciar em vão. Um episódio vivido pela viajante pode ilustrá-lo. Em Pádua, um chefe de estação precipita-se para ver duas “brasileiras”. Mas Nísia replica ao homem visivelmente decepcionado:

O senhor esperava ver duas perfeitas selvagens, pitorescamente trajando plumas, e mesmo sem esse traje, como os seus ancestrais as encontraram na América e como alguns de seus escritores europeus se comprazem ainda em pintar este povo, superior sob vários aspectos ao seu irmão d’além-mar. – Infelizmente, [diz ele], a senhora tem razão e tenho obrigação de me desfazer de um grande erro no qual envelheci... (FLORESTA, 1864, t. I, p. 353)⁹

8 Tradução nossa. No original : “Les hommes sont les mêmes partout; leur opinion sur celui qu’ils jugent se mesure presque toujours d’après la position où il se trouve. L’homme heureux a toujours raison et cela dans la vie privée comme dans la vie publique. Avec plus ou moins de modifications, l’esprit de partialité et l’injustice dominant chez les nations, et plus obstinément dans certaines classes de la société”.

9 Tradução nossa. No original : “Vous vous attendiez à voir deux bonnes sauvages, pittoresquement habillées de plumes, et même sans ce vêtement, comme vos ancêtres les ont trouvées en Amérique et comme quelques-uns de vos écrivains européens se plaisent encore à dépeindre ce peuple, supérieur à bien des rapports à ses frères d’outre-mer.— Hélas, Madame, [lui dit-il], vous avez raison et je vous dois de me désabuser d’une grande erreur dans laquelle j’ai vieilli...”.

Assim, em seu périplo, ela se verá confrontada a um jogo duplo de alteridades: não só ela encontra o “Outro” (em relação a ela), como é capaz de perceber o “Outro” que ela encarna (na visão daqueles “Outros”). Como no episódio acima, tal desvelamento se torna uma verdadeira missão.

Uma “viajante” brasileira na Europa é, portanto, um ser inabitual. Seja nos salões parisienses ou em outros lugares, as pessoas se surpreendem ao encontrar “brasileiras” como Nísia Floresta e sua filha. Sua crítica aos franceses, especialmente em relação a isso, será das mais ferozes:

[Em] Paris, no meio desse povo que acredita ser superior a todos os povos da terra e que, na verdade, sabe tudo, menos o que lhe conviria saber, a fim de tirar melhor proveito de sua grande inteligência [...] tive oportunidade de testemunhar essa ignorância que chocava alguns dos meus compatriotas [...]. Cometem-se frequentemente erros grosseiros quando se fala dos povos da [América]. Pode-se acrescentar [...] que, em geral, caem também [...] nesses erros quando se fala de diferentes nações vizinhas. (FLORESTA, 1864, t. I, p. 362-363)¹⁰

Sob a aparência de objetividade e imparcialidade, Nísia tinha a ilusão de evitar esses perigos. Mas, no fundo, mesmo seu projeto universalista não a diferencia tanto de outros viajantes. Suas observações também se encontram presas aos (inelutáveis) valores e posições relativas “a um lugar, um momento da história, quando não à identidade dos indivíduos” (TODOROV, 1989, p. 19).

NÍSIA FLORESTA E A FRANÇA: DO PARADIGMA IDEAL À LEALDADE AMBÍGUA

O país de Auguste Comte exerceu forte sedução sobre a ilustrada educadora potiguar, da mesma forma que moldara corações e mentes da elite culta do Brasil oitocentista, em sua maioria constituída por homens brancos. Sob este aspecto, aliás, quase nunca se destacou que as marcas francesas presentes na vida, formação e obra literária de Nísia tornam-na antecessora incontestável de Joaquim Nabuco (1849-1910), tido como paradigma do brasileiro “afrancesado”. O político e escritor pernambucano declarou em suas memórias que seus escritos em português eram mera tradução da língua francesa, aprendida desde cedo, por ser neste idioma, e não na língua materna, que lhe fluía o pensamento: “não revelo nenhum segredo, dizendo que insensivelmente a minha frase [em português] é

10 Tradução nossa. No original : “[A] Paris, parmi ce peuple qui se croit supérieur à tous les peuples de la terre et qui en vérité sait tout, moins (sic) ce qu’il lui conviendrait de savoir, afin de mettre mieux à profit sa grande intelligence [...] j’ai eu l’occasion d’être témoin de cette ignorance qui choquait quelques-uns de mes compatriotes [...]. On commet souvent des erreurs grossières quand on parle des peuples de l’[Amérique]. On peut ajouter [...] qu’en général, on tombe aussi [...] dans ces erreurs quand on parle des différentes nations voisines”.

uma tradução livre, e que nada seria mais fácil do que vertê-la outra vez para o francês do qual ela procede” (NABUCO, 1981, p. 58). Assim como fizera Nísia quase vinte anos antes, Nabuco esteve na França entre 1873 e 1874, ali se encontrando com diversas personalidades como o filósofo e historiador Ernest Renan, pelo qual, na juventude, tivera um verdadeiro “*coup de foudre*”. Pouco depois, escreveu em francês o drama em versos *L’option*, que só seria publicado em 1910. Conforme apontou Mario Carelli, a “francofilia” de Nabuco e sua admiração acrítica pelas coisas da França era “exemplar”, uma vez que “mesmo suas infidelidades inglesas participavam da anglomania da boa sociedade francesa de então” (CARELLI, 1994, p. 187).

No *Opúsculo Humanitário*, encontram-se referências às inúmeras leituras francesas de Nísia Floresta, revelando sua filiação intelectual: Descartes, Rousseau, Siéyès, Condorcet, Montesquieu, Fénelon, Legouvé, Voltaire, Racine, Pascal, Chasles, Michelet, Chateaubriand, Ferdinand Denis, Lamartine, Victor Hugo, Lacordaire, etc. Nessa obra, igualmente, Floresta faz suas primeiras críticas aos viajantes franceses: ao julgamento “imparcial” de Saint-Hilaire ou de Ferdinand Denis, opõem-se o daqueles que ridicularizam as mulheres ou os costumes do país, como Castelnaud, Alphonse Rendu ou ainda alguns artigos de viajantes publicados na *Revue des Deux Mondes*, na primeira metade do século XIX.

No entanto, o conhecimento da literatura, filosofia, história da França não se resumiam a autores masculinos. Para Nísia, a França continuava sendo o “centro luminoso” onde “a mulher pode cultivar sua inteligência”, sem que a educação fosse apanágio da nobreza, como o provava o grande número de mulheres poetas, escritoras e filósofas, oriundas das mais diversas classes sociais. Diante dessa constatação, desfila no texto de Nísia a imensa galeria daquelas que “reina[m] de fato pelo espírito”: de Diane de Poitiers a Catherine de Médicis; de Gabrielle d’Estrées a *La Pompadour*; das “virtuosas” Maintenon e Antoinette às destemidas Joana d’Arc e Charlotte Corday. As “páginas afetuosas inspiradas pelo amor maternal da sensível Mme de Sévigné” evocam para Nísia todas as cartas que ela mesma remetia à família durante os períodos de ausência. Para ela, as francesas se distinguem ainda pelos “preciosos escritos” pedagógicos, como os de Madame de Genlis¹¹. Aos olhos da filósofa brasileira, George Sand era “a maior escritora do século” (FLORESTA, 1989, p. 29; 32).

No entanto, a principal referência de Nísia Floresta, sua inesgotável fonte de inspiração é uma mulher que lançou pontes entre séculos, países

11 O século XIX apresenta-se como o século da aventura e da viagem feminina. Nos primórdios do romantismo, a escritora e educadora Félicité de Genlis recomenda a viagem de estudos para as mulheres, dispensando conselhos viáticos que Nísia possivelmente seguiu.

e mentalidades. Trata-se da escritora e filósofa francesa de origem suíça Mme de Staël (1766-1817), filha do banqueiro genovês Necker, ministro das finanças de Luís XVI. Considerada uma das inteligências mais brilhantes de seu tempo, testemunhou e vivenciou as transformações inauditas dos períodos pré- e pós-revolucionário. Sua inclinação liberal, decerto reforçada pela longa e tumultuosa ligação com Benjamin Constant, figura de proa do liberalismo, atraiu por muitos anos a ira de Napoleão que, alvo de escritos virulentos, expulsou de Paris aquela intelectual cosmopolita, proibindo-a de residir a menos de quarenta léguas da capital francesa e mantendo seus passos sob constante vigilância. Dali em diante, Mme de Staël se ausentaria da França por alguns anos. No *Opúsculo Humanitário*, Nísia, que mantinha profunda identificação com a inimiga de Napoleão sob vários aspectos – da educação e posturas políticas às longas viagens e vivências no estrangeiro –, evocou ironicamente aquela disputa política. Logicamente, não se tratava de homenagear o célebre Imperador, cujo poder fascinou multidão de homens como Julien Sorel, protagonista de *O Vermelho e o Negro*, mas sim de louvar uma força feminina irreduzível:

Quando o grande herói do século XX, fazendo revolver o mundo e curvar ao seu despotismo as cabeças coroadas da Europa, temeu a influência de uma mulher e a desterrou em Coppet [Suíça], essa mulher achou em seu espírito assaz de recursos para suportar o exílio, e em sua dignidade assaz de energia para recusar-se depois ao seu chamado. (FLORESTA, 1989, p. 34)

Ao longo de dez anos de exílio(s), período correspondente à ascensão e queda de Napoleão (1804-1814), Mme de Staël percorreu diversos países europeus, encontrando-se com renomados artistas e filósofos, debruçando-se comparativamente sobre artes, literatura e política praticadas no estrangeiro, efetuando o que hoje se chamaria de análise intercultural. Se as viagens ampliam sua influência na Europa, delas resultam igualmente obras capitais como *De l'Allemagne* que, embora finalizada em 1810, teve suas provas destruídas por ordem de Napoleão, vindo a ser publicado em Londres em 1813 e em Paris no ano seguinte¹². A publicação causou forte impacto estético, constituindo-se em marco teórico e espécie de “certidão de nascimento” do romantismo francês. Além de analisar o caráter, a cultura e os costumes dos alemães, considerados como os mais “instruídos e meditativos homens da Europa”, a autora divulga uma literatura desconhecida na França e aconselha seus compatriotas a mergulharem no espírito romântico de Schiller ou Goethe, no intuito de revigorar uma literatura francesa, a seus olhos, estéril.

Nísia, que entre nós se destaca como precursora do movimento da emancipação das mulheres, sem dúvida admirava outros traços pioneiros da autora

¹² Uma segunda edição de *De l'Allemagne*, tome I, é publicada em Amsterdam em 1814, edição que serviu de base às citações presentes neste artigo.

de *Delphine* (1802), romance inaugural do feminismo romântico, vertente que, mais tarde, encontraria na obra e na figura de George Sand sua maior expressão. Foi, portanto, mirando-se no exemplo e seguindo os passos de Mme de Staël que a escritora potiguar se iniciou no ofício da viagem filosófica na Europa, experiência registrada, conforme já se disse anteriormente, nos relatos escritos em francês e publicados na França mais de cento e vinte anos antes de serem traduzidos e publicados no Brasil.

O circuito desenhado em terras germânicas não foi aleatório. Decididamente, Nísia desejava conhecer, ou melhor, reconhecer, seguindo-lhe os passos e examinando com os mesmos olhos, o país que Mme de Staël escolhera por razões estéticas e políticas. Neste sentido, a leitura atenta de *Itinéraire d'un voyage en Allemagne* não deixa dúvidas. Quando se trata da descrição do temperamento dos alemães, é surpreendente a semelhança dos juízos formulados por ambas as escritoras. A viajante brasileira faz dos alemães o seguinte retrato:

A franqueza e a lealdade perfeita dos homens, a amável e verdadeira modestia das mulheres, cujo som de voz agradável que lhes é peculiar ressalta as demais qualidades físicas e morais, suprem tanto nessas quanto naquelas, a ausência de ditos espirituosos, naturais ou fabricados, [...] tão valorizados na sociedade parisiense. (FLORESTA, 1857, p. 98)¹³.

A coincidência, por demais flagrante, denuncia paráfrases, procedimentos intertextuais de absorção, empréstimos e transformação de um texto outro, identificáveis à primeira vista. Basta comparar a citação acima com os seguintes trechos extraídos de *De l'Allemagne*, que serve de canevás para a discípula brasileira de Mme de Staël:

Os alemães têm em geral sinceridade...; a lealdade perfeita [...] distingue o caráter alemão...; as mulheres alemãs possuem um encanto [...] peculiar, um som de voz comovente [...] elas são modestas...; encontra-se raramente nas alemãs a rapidez de espírito que anima a conversação [...] este tipo de prazer quase não existe nas sociedades de Paris [...] mais espirituosas...; Na França, [a conversação] é uma arte à qual a imaginação e a alma são [...] muito necessárias, mas que no entanto tem segredos para suprir a falta de uma e outra... (STAEL, p. 19; 39; 42, 1814)¹⁴

13 Grifo e tradução nossos. No original : “La franchise et la loyauté parfaite des hommes, l’aimable et vraie modestie des femmes, dont un son de voix charmant, qui leur est particulier, rehausse les autres qualités physiques et morales, suppléent chez les unes et les autres à l’absence de ces saillies d’esprit, naturelles ou fabriquées, [...] si vantées dans la société parisienne” (Grifo e tradução nossos).

14 Grifo e tradução nossos. No original : Les Allemands ont en général de la sincérité ...; la loyauté parfaite [...] distingue le caractère allemand ...; les femmes allemandes ont un charme [...] particulier, un son de voix touchant [...] elles sont modestes ...; on trouve rarement chez les Allemandes la rapidité d’esprit qui anime l’entretien [...] ce genre de plaisir ne se rencontre guère que dans les sociétés de Paris les plus [...] spirituelles...; En France, [la conversation est] un art auquel l’imagination et l’âme sont [...] fort nécessaires, mais qui a pourtant des secrets pour suppléer à l’absence de l’une et de l’autre

Evidentemente, um estudo comparativo aprofundado poderia trazer à tona outros aspectos da estrutura, do processo de criação e das relações intertextuais presentes nos textos de expressão francesa de Nísia Floresta. Ela se distingue como leitora abalizada de uma galeria de autores e autoras que marcaram a produção intelectual da França desde o iluminismo, ao mesmo tempo em que, ao forjar-lhe o espírito, fornecem modelos e compõem sua vasta e incomum erudição.

A despeito de sua declarada francofilia, a partir de *Itinéraire...*, nos textos de Nísia, a imagem da França (nação que ela confessa preferir a qualquer outra), embora ambígua, ganha acentos cada vez mais negativos, diferenciando-se do tom elogioso presente no *Opúsculo Humanitário*. Conforme já mencionado, essa primeira obra, redigida em português e editada na Corte, destinava-se essencialmente ao público brasileiro. Tal fato revela-se curioso, na medida em que, com os relatos de viagem editados em Paris, Nísia talvez ambicionasse comprovar seu cosmopolitismo, sua aceitação e circulação nos meios intelectuais parisienses, ademais de visar um público mais amplo, francês ou estrangeiro, capaz de ler num idioma àquela altura conhecido, e praticado, pelas elites letradas de diversos países, sobretudo na Europa (FUMAROLI, 2003).

As críticas dirigidas aos franceses provêm de análise sob ângulos diversos. Primeiramente, em relação aos outros povos europeus: segundo Nísia, os italianos, assim como os alemães, são vítimas do julgamento impiedoso, porém falso, de viajantes franceses “ociosos”¹⁵, que os descrevem como um povo “degenerado”; estes “obstinam-se em achar [...] defeitos sem apontar a causa, ou fingindo ignorá-la”, ao passo que a própria França havia contribuído para o dilaceramento daquele povo, por conta das pretensões expansionistas de “alguns de seus chefes”. Trata-se aí de uma clara referência à Campanha da Itália (1796-1797) movida, em pleno período revolucionário, pelo então general Napoleão Bonaparte, pelo qual Nísia nutre antipatia herdada de Mme de Staël (FLORESTA, 1864, t. I, p. 250). Quanto ao caráter, os franceses são “complacentes”, todavia se apressam em tirar vantagem dos estrangeiros. Os homens possuem fina polidez, bom tom, frases elegantes, quase sempre afetadas, além de pronunciado gosto pelo prazer, ao contrário da moderação dos florentinos e da simplicidade dos alemães. Contudo, os franceses têm forte tendência de “agir como senhores” em terras alheias (FLORESTA, 1864, t. I, p. 296 e 339). É bem provável que a viajante brasileira, originária de um país havia pouco saído do jugo colonial, não se encontrasse alheia à expansão colonial encetada pela França a partir de 1830, mas que, já em meados do século XIX, quando o livro *Trois ans en Italie...* foi produzido, espalhava-se da África (do Norte e Subsaariana) à Conchinchina....

15 Nesta e nas citações seguintes, tradução nossa.

Nísia, a primeira divulgadora de Mary Wallstonecraft no Brasil, não se mostraria indiferente em relação às europeias. De modo geral, as opiniões expressas no *Opúsculo Humanitário* acerca do temperamento e caráter daquelas mulheres permanecem as mesmas; porém, a viajante brasileira começa a enxergar, com olhar mais apurado, as imperfeições ainda presentes da educação feminina na Europa. Para seu espanto, no Velho Continente, as mães atormentam-se até verem casadas as filhas e estas, por sua vez, veem o casamento como a finalidade maior de sua existência. Nísia lamenta que as jovens europeias não tenham aprendido o essencial: “saber e poder encontrar dentro de si mesmas” o verdadeiro sustento e felicidade (FLORESTA, 1864, t. II, p. 336).

O fechamento do *Colégio Augusto* acentuara a animosidade de Nísia Floresta para com os educadores franceses cuja presença no Brasil é considerável à época. Ela questiona a reputação e a preferência, a seu ver injustificadas, de certos estabelecimentos na França, nos quais “moças educadas em [determinada] atmosfera moral muitas vezes contraem o hábito da dissimulação e modos aristocráticos fora de moda”; os bons princípios aprendidos vão-se embora assim que elas retornam ao seio das famílias. Estas esforçam-se em manter hipocritamente uma moral de fachada: “Quantas vezes ouvi mães deslumbradas com os prazeres do mundo dizendo-se orgulhosas de ter filhas estudando no Sacré-Coeur, onde as senhoritas recebem [...] educação das mais distintas!” (FLORESTA, 1864, t. I, p. 151).

Em comparação com as florentinas, as *coquettes* parisienses são mais atraídas pelo luxo e beleza e seriam capazes de se privar de conforto ou até mesmo, como observa Nísia, “de uma adequada alimentação, a fim de obter uma boa renda e outros acessórios para serem notadas na sociedade” (FLORESTA, 1864, t. I, p. 296).

Assim como a escravidão ou a prostituição causavam estupefação nos viajantes estrangeiros no Brasil, as “pragas” das sociedades europeias não são menos surpreendentes aos visitantes vindos de outros continentes. Viajando pela Alemanha ou Itália, é sempre com a França que Nísia estabelece comparações. Diante abundantes campos alemães, fruto do esforço de um povo diligente, parece-lhe escandaloso ver uma parte do povo francês sofrer de fome, em meio ao luxo ostentado por uma minoria. A miséria salta aos olhos diante da cena deprimente de prostitutas oferecendo-se sem pudor nas ruas de Paris, espetáculo, segundo Nísia, inexistente nas cidades italianas. Ao fazer tais reflexões, estaria ela colocando-se, discursivamente, em posição de revanche perante os viajantes que oferecem uma imagem unilateral e não relativizada do Brasil, omitindo comparações com seus países e culturas de origem? A resposta, com um grão de ironia, talvez se encontre aqui:

Que lamentável e verídico quadro poderiam fazer dos costumes de certas cidades da Europa aqueles que desejassem imitar alguns escritores cujo espírito se compraz em exagerar e ressaltar os costumes do Brasil [...], [país] que eles se permitem julgar a partir dos costumes da desgraçada classe dos escravos e libertos! (FLORESTA, 1864, t. I, p. 296)¹⁶

Auguste de Saint-Hilaire, com quem a autora de *Trois Ans en Italie...* manteve contato em Paris, reconheceu a exatidão de tais observações. Quando escreveu sobre as prostitutas em São Paulo, província visitada em 1818, o naturalista, segundo observou a brasileira, fora o único viajante a assinalar que aquelas mulheres “nada tinham em comum com a indecência cínica”, tão comum nas “parisienses das classes inferiores” (FLORESTA, 1864, t. I, p. 238).

A maneira como a imagem da capital parisiense evolui aos olhos daquela atípica brasileira é reveladora dos vínculos que manteve ao longo do tempo com aquele espaço urbano e a experiência do exílio: a “moderna Atenas” onde outrora a escritora nutria o espírito vai se tornando tão insuportavelmente frívola que ela prefere abandoná-la entre 1870-1871, movida igualmente pelos eventos que converteram a cidade-luz em cenário de guerra e sublevação. Em *Fragments d'un ouvrage inédit...*, Nísia evoca as dolorosas lembranças da Paris sitiada pelos prussianos e, logo após, a eclosão do movimento revolucionário da Comuna. A “louca” declaração de guerra feita por Napoleão III era prova da “cegueira” que tomara conta da maioria dos franceses:

[Minha filha e eu fomos] testemunhas de uma guerra sem igual nos tempos modernos, peripécias e calamidades de um cerco atroz sobre o qual escrevi dia a dia [contando] os [...] detalhes que minha afeição pela França me impede de trazer a público, e tendo assistido enfim a todos os horrores do que se chamava impropriamente de Comuna, deixamos Paris e [aqueles] cuja companhia havia abrandado nossa angústia. (FLORESTA, 1878, p. 19-20)¹⁷

Ao final da agitação, Nísia e sua filha Lívia retornaram ao apartamento situado no Boulevard Saint-Michel, em frente ao Jardim de Luxemburgo, um dos epicentros dos combates. A escritora então se lamenta: “Tudo havia mudado [...] para a França e para mim [...] Paris tinha um aspecto lúgubre em todo lugar” (FLORESTA, 1878, p. 24). Abalada pela experiência da guerra franco-prussiana e seus desdobramentos imediatos cuja repercussão ainda era difícil avaliar, Nísia põe fim à sua segunda

16 Tradução nossa. No original: “Quel lamentable et véridique tableau pourraient faire des mœurs de certaines villes d'Europe ceux qui voudraient imiter quelques écrivains dont l'esprit s'est plu à exagérer et à mettre en relief les mœurs du Brésil [...], qu'ils se permettent de juger d'après celles de la malheureuse classe des esclaves et des affranchis!”

17 Tradução nossa. No original: “[Ma fille et moi avons été] témoins d'une guerre sans pareille dans les temps modernes, des péripéties et des calamités d'un siège atroce dont j'ai écrit jour par jour les [...] détails que mon affection pour la France me défend de livrer au public, et ayant vu enfin toutes les horreurs de ce que l'on appelait improprement la Commune, nous quittâmes Paris et [ceux] dont la société avait adouci notre angoisse.”

estada na França. Depois de passar alguns anos no Brasil, ela retorna novamente ao país de seus exílios em 1875, optando por viver não mais na capital, mas no seu derradeiro porto, a cidade de Rouen, na Normandia.

O BRASIL, REVISTO E CORRIGIDO POR UMA BRASILEIRA

Desde sua primeira estada na Europa, Nísia reagiria frequentemente à visão dos viajantes europeus sobre o Brasil. Já no *Opúsculo Humanitário*, publicado nos anos 1850, a autora afirma que caberia antes aos brasileiros, e não aos estrangeiros, identificar e corrigir os “erros” de seus país, bem como denunciar as críticas, em geral infundadas, formuladas por europeus. Cerca de vinte anos mais tarde, foi a tarefa que ela se impôs em *Le Brésil*, obra mais uma vez redigida em língua francesa e publicada em Paris em 1871. A experiente viajante brasileira escreve essa obra, colocando-a em relação intertextual com toda uma vertente da literatura de viagem relativa ao Brasil. Referindo-se ao bricabraque de ideias veiculadas por essa produção, ela explicita aos seus leitores-alvo – o público francês – as motivações de seu projeto:

Non se limitem a ler apenas alguns traços escritos por pessoas mal informadas ou parciais que só desejam ostentar seu pretense conhecimento[,] censurando falhas e erros comuns a todos os povos e que [aquelas pessoas] poderiam ter encontrado sem atravessar o Atlântico. Nós, que tivemos a preciosa possibilidade de percorrer a parte mais civilizada da [Europa], tivemos muitas vezes a oportunidade de nela observar tipos estranhos e atitudes bárbaras que em vão se buscaria em outros lugares! [...] Cada nação conserva suas virtudes e vícios inatos. Nenhuma comparação deve ser feita [...] entre um povo recente que precisou superar infinidade de preconceitos e erros herdados de seus dominadores [portugueses] de além-mar [...] e os povos antigos formados há séculos sob governos regulares. [...] Ninguém até aqui se dispôs a estudar seriamente e publicar o que há de mais importante a conhecer sobre o Brasil. (FLORESTA, 1871, p. 25-26)¹⁸

Le Brésil nasce, portanto, da urgência em “reparar” percepções irrealistas sobre o país natal da escritora. Mas qual seria a fonte desses “erros”, denunciados com tanta obsessão por Nísia? Existiria apenas “maldade” ou algo mais por trás dos olhos daquele viajante, para dar um exemplo, que “avistou neves eternas no cume das montanhas gigantescas” do Rio

18 Grifo e tradução nossos. No original : “ Ne vous bornez pas à lire seulement quelques traits écrits par des personnes mal informées ou partiales qui ne cherchent qu’à étaler leur soi-disant savoir en censurant des fautes et des erreurs communes à tous les peuples et [que ces personnes-là] auraient pu rencontrer sans franchir l’Atlantique. Nous, qui avons eu l’avantageux loisir de parcourir la partie la plus civilisée de l’[Europe], nous avons eu souvent l’occasion d’y observer des types étranges et attitudes barbares qu’on chercherait vainement ailleurs! [...] Chaque nation garde ses vertus et ses vices innés. Nulle comparaison n’est à faire [...] entre un peuple nouveau ayant à surmonter une infinité de préjugés et d’erreurs laissés par ses dominateurs d’outre-mer [portugueses], [...] et les vieux peuples constitués depuis des siècles sous des gouvernements réguliers. [...] Personne jusqu’ici ne s’est occupé d’étudier sérieusement et de publier ce qu’il y a de plus important à savoir sur le Brésil”.

de Janeiro? (FLORESTA, 1871, p. 19) Para responder a essas questões, talvez seja necessário lembrar brevemente alguns aspectos relativos à “literatura de viagem”, gênero por muito tempo considerado menor.

As viagens à América estavam em voga no século XVIII, levando alguns inescrupulosos editores a fazer toda sorte de acréscimos e alterações nos relatos transmitidos por marinheiros mais preocupados em ganhar dinheiro do que obter reputação literária. Daí a dificuldade de se distinguir as narrativas autênticas e as mistificações (parciais ou totais) que muitas vezes obtiveram sucesso. Logo, a transformação de eventuais documentos históricos em utopias descende em linha direta da “literatura geográfica” do século XVI, na qual convivem a realidade e o fantástico, como nas *Singularidades da França Antártica* (1557) ou na *Cosmografia universal* (1575) de Thévet. Nessas obras, encontram-se informações sobre a história, particularidades e costumes das nações selvagens do Novo Mundo. Os erros, então, acabam sendo transmitidos de autor para autor, de edição para edição. Em meados do século XVIII, há um desejo de conhecimentos mais sérios e precisos sobre as Américas. Rousseau queixa-se da falta de dados disponíveis sobre esses continentes, em geral fornecidos por “viajantes grosseiros” (ROUSSEAU apud DUVIOLS, 1978, p. 5).

Mas seria o viajante um mentiroso impenitente? A reflexão do autor de *Voyage autour du monde [Viagem ao redor do mundo]* (1771), Louis Antoine de Bougainville, toca no cerne de preconceitos ainda vivazes no século XVIII:

Sou viajante e marinheiro, ou seja um mentiroso e imbecil aos olhos dessa classe de escritores preguiçosos que, na sombra de seu gabinete, filosofam a perder de vista sobre o mundo e seus habitantes, [submetendo] imperiosamente a Natureza à imaginação deles, (...) segundo observações tomadas daqueles mesmos viajantes aos quais eles negam a faculdade de ver e pensar. (BOUGAINVILLE, apud DUVIOLS, 1978, p. 5)

O círculo é vicioso como o debate, que se tornara clássico, entre viajantes e filósofos. No final do século das Luzes, o interesse crescente na Europa pela física, astronomia e história natural preside às grandes viagens científicas do século XIX. A natureza exótica torna-se objeto de estudo, à escravidão e as sociedades mestiças tomam o lugar do “bom selvagem”.

No século XIX, os franceses formam um dos maiores contingentes de viajantes no Brasil, dentre eles algumas poucas mulheres como Rose de Freycinet e Adèle Toussaint. As impressões de viagem deste grupo constituem, por um lado, uma documentação rica sobre momentos e aspectos diversos da vida do país; por outro lado, esses textos, destinados principalmente ao público francês e europeu, alimentam o imaginário acerca da longínqua *Terra dos Papagaios*.

A originalidade de *Le Brésil*, que será a última obra de Nísia, brota de

um feixe de múltiplas relações. Em comparação com suas narrativas anteriores, há evidente mudança de ponto de vista. Enquanto viajante brasileira, ela observara a Europa “de fora”, expondo-se aos riscos inerentes a essa posição. Nos relatos de seus périplos, críticas se misturam a receitas para o bom uso do ofício de viajar. Em sentido oposto, *Le Brésil* não trata de comunicar descobertas ou descrever paisagens e pessoas como o faria um estrangeiro, pois Nísia conhece seu país “de dentro” e o percorreu extensamente para “observa[r] com imparcialidade os hábitos, os costumes, o espírito e os sentimentos do povo”. É esse conhecimento que, de um lado, a autoriza a corrigir os erros “dos outros” e, de outro, garante ao leitor a estrita verdade. Um título lacônico basta, pois o projeto de Nísia não atende à expectativa de exotismo do outro; trata-se, ao contrário, de derrubar clichês e estereótipos. Seu maior trunfo, que poucos brasileiros possuem, é conhecer o universo de onde provêm os viajantes. Para uma mulher chegada de outro hemisfério, a Europa poderia parecer tão “exótica” quanto os trópicos para os europeus, pois segundo comprovava Nísia, ali também existia “estranheza” e “barbárie”. Nos pratos da balança, portanto, Brasil e Europa se equivalem.

Como é, então, o “verdadeiro” Brasil que Nísia apresenta e se representa? Na descrição didaticamente construída e na qual uma vez mais a França serve como parâmetro, trata-se de

[uma] vasta e rica região da América meridional que se estende do Amazonas, o maior rio do mundo, até o Prata. Possui grande número de outros rios navegáveis, de magníficas florestas [...], de belas montanhas cujo pico parece tocar o céu, de risonhos prados formados por uma vegetação eterna e onde se encontram flores e frutos do velho e do novo mundo [...] Nenhum país foi mais favorecido pela natureza, nem oferece vista mais admirável e recursos mais numerosos e mais fáceis para o homem laborioso [...] que a Mãe criadora espalhou sobre este solo abençoado [...] E a todas essas magnificências da natureza juntam-se os atrativos de uma civilização progressiva presente em todas as cidades deste belo país [...] [algumas] províncias são maiores em superfície do que a velha França. (FLORESTA, 1871, p. 5-6)¹⁹

É preciso, no entanto, reconhecer que esta descrição hiperbólica chega a um resultado diferente do anunciado por Nísia. O que se lê é menos o

19 Grifo e tradução nossos. No original: “vaste et riche contrée de l’Amérique méridionale qui s’étend depuis le majestueux Amazonas, le plus grand fleuve du monde, jusqu’à la Plata. Il renferme un grand nombre d’autres fleuves navigables, de magnifiques forêts [...], de superbes montagnes dont le sommet semble toucher le ciel, de riantes prairies d’une végétation éternelle et où se trouvent les fleurs et les fruits de l’ancien et du nouveau monde (sic) [...] Aucun pays ne fut plus favorisé de la nature, ni n’offre un coup d’œil plus admirable et des ressources plus nombreuses et plus faciles à l’homme laborieux [...] que la commune Mère créatrice a répandus sur ce sol béni [...] Et à toutes ces magnificences de la nature se joignent les agréments d’une civilisation progressive qui s’étale dans toutes les villes de ce beau pays [...] [quelques] provinces sont plus grandes en étendue que la vieille France”.

inverso do que a própria exacerbação de um exotismo assentado na ênfase dada à Natureza grandiosa, ainda impregnada do sopro e da mão do Criador, sem nenhuma outra mediação. A paisagem introduzida por Nísia é realmente edênica, cenário original da humanidade e da felicidade terrestre. Seguindo essa lógica, os habitantes do país só podem ser dotados das melhores qualidades: sinceros, honestos, compassivos, desinteressados, independentes, hospitaleiros – como, aliás, reconhecem os “estrangeiros imparciais” (FLORESTA, 1871, p. 7). Mas a autora busca preservar esse quadro a qualquer preço. Mesmo as grandes viagens científicas ao Brasil, que deram outro lugar à natureza, só descrevem corretamente “as plantas, os minerais e os animais”, história e civilização sendo objeto de “anacronismos” (FLORESTA, 1871, p. 26). Assim, é possível que Nísia, por sua vez, não tenha hesitado em sacrificar algumas “verdades” para que o seu retrato do Brasil soe verdadeiro, ao menos diante da palavra dos estrangeiros. Um último aspecto presente na obra permite elucidar essa questão.

Le Brésil resume os principais acontecimentos desde a descoberta, especialmente nos feitos heroicos contra a dominação portuguesa. Contudo, no século XIX, a escravidão é o tema que mais chama a atenção dos viajantes estrangeiros. A instituição parece definitivamente condenada ao fim da Guerra do Paraguai, na qual a participação dos escravos foi decisiva e acabou apressando a promulgação da Lei do Ventre Livre em 1871. De modo geral, Nísia aborda pouco a questão da escravidão²⁰. Curiosamente, em *Le Brésil*, publicado num ano em que o prestígio de Dom Pedro II encontra-se abalado, a escritora anuncia, sem receio de incorrer em erro, que o Imperador “libertou definitivamente (sic), em todo território brasileiro, a raça negra escrava, através de arranjos hábeis para garantir a proteção dos libertos, a preservação dos interesses dos proprietários e do tesouro público” (FLORESTA, 1871, p. 49). A afirmação de Nísia esconde mais do que uma simples distorção da realidade. Àquela altura, o sentimento de pertencer ao último país escravagista do Ocidente era insuportável a muitos membros da elite esclarecida do país. É preciso, então, lembrar que as origens sociais de Nísia explicam sua adesão à ideologia abraçada por muitos de seus pares brasileiros: um liberalismo ainda hesitante, mas fortalecido por ideias europeias que ela aprendera *in loco*.

A data da publicação de *Brésil* é significativa. Nos anos 1870, a necessidade de mudança de regime de trabalho e de regime político se acentua, a campanha abolicionista se intensifica, orquestrada pelos republicanos. As elites brasileiras, republicanas ou monarquistas, abolicionistas ou

20 Sobre comentários da escritora acerca da escravidão e da formação racial brasileira nas suas obras em francês, ver Ligia Fonseca Ferreira. Les positivistes brésiliens face à l’esclavage et à la question ethnique au Brésil. In: *Cahiers du Brésil Contemporain*. Paris: Maison des Sciences de l’homme, n. 19, 1992, p. 43-67.

escravistas, concordam ao menos em um ponto: era preciso apoiar a política imperial de promover a colonização europeia, fator primordial para reformar o país. Logo, mesmo sendo uma obra prolixa e quase desordenada, *Le Brésil* não foi concebido unicamente como resposta a inverídicos relatos de viagem, de modo a permitir um melhor conhecimento do país “sobretudo na França, pelo qual o Brasil tem uma viva simpatia” (FLORESTA, 1871, p. 44). A esta declarada francofilia, segue-se a conclusão do livro, que traz a lume sua verdadeira finalidade:

[...] Podemos contribuir [...] para preparar [...] a grande obra do futuro, e mostrar [à] Europa [...] os imensos recursos que a parte mais fértil e a mais fraternalmente governada da América, o Brasil [,] pode lhe oferecer através da colonização. Até agora, algumas associações particulares haviam tentado sozinhas, [com diferentes graus] de sucesso [...] Porém o governo acaba de tomar sábias medidas para favorecer mais eficazmente a imigração nesta abençoada terra. As classes laboriosas da Europa, que o desejo de ver seu trabalho melhor recompensado incita a emigrar para o Brasil, enxergarão um estímulo no triunfo final que os Brasileiros acabam de obter contra o moderno Caim do Paraguai. (FLORESTA, 1871, p. 44)²¹

A intenção de fazer a propaganda para a imigração europeia ou francesa no Brasil dá uma nova conotação ao projeto de Nísia e a seu empenho de reabilitar a imagem do país. Quando se pensa no nativismo romântico presente nas primeiras obras da jovem Nísia, atitude que beira a xenofobia (reação, aliás, típica no seio da elite intelectual brasileira, sobretudo após 1822), é possível notar a evolução, ou mesmo a contradição, representada pelo *Brasil*: no final, transforma-se em panfleto que visa atrair os mesmos indivíduos outrora rejeitados. Nessa fase inicial da política imigrantista a partir de 1870, quando começam a surgir publicações na Europa destinadas a promovê-la, Nísia realiza, com *Le Brésil*, um dos primeiros textos de propaganda do Império, anterior aos de Charles Dufrayer, Gobineau ou Louis Couty. Interessante, também, o fato de, direta ou indiretamente, Nísia ter em mira estimular a emigração francesa (havia, como ela observara *in loco*, razões suficientes para isso), quiçá no intuito de estreitar as relações entre os dois países. Seja como for, os pressupostos ideológicos dessa nova importação de estrangeiros fundam-se nos imperativos de substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre, de branqueamento de uma população por demais marcada pelo sangue de uma raça “inferior”,

21 Tradução nossa. No original: “[...] nous pouv[ons] concourir [...] à préparer [...] la grande oeuvre de l’avenir, et montrer [à] l’Europe [...] les immenses ressources que la partie la plus fertile et la plus fraternellement gouvernée de l’Amérique, le Brésil peut lui offrir par la colonisation. Jusqu’ici quelques associations particulières avaient seules tenté, avec plus ou moins de succès [...] Mais le gouvernement vient de prendre de sages mesures pour favoriser plus efficacement l’immigration dans cette terre bénie. Les classes laborieuses d’Europe, que le désir de voir leur travail mieux récompensé porte à émigrer vers le Brésil, verront un encouragement dans le triomphe final que les Brésiliens viennent d’obtenir [...] contre le moderne Caim du Paraguay” (I,B, 44)

em suma pela necessidade de se pautar pela “ordem e progresso” positivista. Se contradição existe, não se reduz apenas a Nísia, mas a toda uma geração de brasileiros. Neste caso, pois, ela não é exceção, na medida em que compartilha as aspirações profundas de seus pares, apesar do exílio que a separa deles no tempo e no espaço.

A nova imagem do Brasil deve ser suscetível de conciliar o que, na perspectiva do exotismo, seria inconciliável: o “trabalho” e o paraíso terrestre. E a promessa dos que buscam “seduzir” e “recrutar” o elemento europeu acompanha-se da tentativa de redefinir a identidade brasileira frente ao mundo. Neste sentido, a própria Nísia encarna um impecável, porém raro “cartão de visita” de seu país: branca, culta e poliglota, ela devia sem dúvida causar espécie nos salões europeus à espera de brasileiros “selvagens”. Falando um pouco por si, Nísia assevera que os erros difundidos na Europa ocultam o fato de que no “Grande Império” vive uma “civilização avançada [...] apta a todas as artes e [...] ciências” e lá também não faltam “grandes literatos, filósofos profundos, jurisconsultos, legisladores, teólogos, etc”, homens da envergadura de José Bonifácio Andrada e Silva – “poeta comparável a Victor Hugo” – e do “ilustre” Araujo Porto Alegre (FLORESTA, 1871, p. 37-43). Note-se que entre os nomes citados, não há referência a nenhuma mulher.

A leitura do texto de propaganda redigido por Nísia, simpatizante da monarquia e de Dom Pedro II, sugere que o Brasil de 1871 encontra-se livre de todos os males, numa lógica quase mecânica: como a Guerra do Paraguai pusera fim à escravidão, os interesses e as perspectivas de sucesso para os imigrantes estavam garantidos graças ao governo de um imperador “providencial,” sábio”, “filósofo” e “humanitário”. Embora tivesse se aproximado, sem efetivamente abraçar o positivismo de Auguste Comte, cuja doutrina influenciou grande parte dos republicanos no Brasil, a escritora brasileira jamais defendeu a mudança de regime, sendo pois exagerado incluí-la entre os precursores das ideias republicanas e abolicionistas.

Escrito por uma filha da terra, *Le Brésil* a princípio não era (ou não deveria ser) um texto de natureza exótica, ditada pelo distanciamento (no tempo e no espaço) e pela alteridade. Porém, ao repetir às vezes clichês presentes no discurso dos viajantes estrangeiros, o texto de Nísia acaba se assemelhando a um discurso sobre o “Outro”. Seria o efeito provocado pela adoção de uma língua estrangeira como língua de criação literária? Ou seria o fato de, durante o longo exílio que precedeu à redação da obra, a imagem do Brasil ter se mantido viva em Nísia graças às reminiscências pessoais, às cartas recebidas e à leitura de relatos de viagem feitos, justamente, pelos Outros-estrangeiros?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O itinerário e a obra de Nísia Floresta encontram-se impregnados por dilemas e contradições pessoais, mas também pelas contradições e dilemas próprios à consciência possível em seu tempo e no Brasil. Seria possível esperar uma coerência total por parte de uma mulher “estranha” em sua própria terra, abalada intimamente ao se ver constrangida a ser “estrangeira” em outro país?

As viagens de Nísia não significam forçosamente ruptura com seu mundo e o encontro com outro. As fronteiras não são tão nítidas. A ruptura, embora física, sequer se dá no plano simbólico, pois nunca dantes Nísia carregara tão fortemente o Brasil dentro de si. Mas isso supriria realmente a ausência de seu país?

A viajante brasileira conheceu uma realidade até hoje experimentada por imigrantes intelectuais na França: “em nenhum lugar se é mais estrangeiro do que na França” (KRISTEVA, 1988, p. 57). Há, também, o exílio na língua francesa, o mesmo que lhe permitiu integrar-se no universo discursivo francês, do qual ela aprendeu um de seus mais fortes valores: a fala “polida e querida” (KRISTEVA, 1988, p. 58).

Diante deste duplo pertencimento, resta saber se Nísia, uma híbrida cultural, sentiu que fatalmente se tornara estrangeira em seu país, conforme se lê em anotações publicadas postumamente:

[Durante a estada de 1872 a 1875], fui acometida de febre amarela e as consequências me advertiram que meu temperamento não mais se adaptava ao clima de minha própria pátria... Senti então a necessidade imperiosa de me afastar o quanto antes desse clima, e meu coração apertou tanto que tudo me aparecia agora através de uma nuvem lúgubre (FLORESTA, 1878, p. 33)²²

Dali em diante, o Brasil se converte em visão de um paraíso inexoravelmente perdido, brotando de sua pena ou de sua memória como transfiguração compensatória, pois o retorno não é mais possível.

Em 24 de março de 1875, Nísia Floresta despediu-se do Brasil, onde se sentia definitivamente incompreendida e inadaptada. Faleceu dez anos depois, na cidade de Rouen, na França que a acolhera e que, de diversas formas, ela amou tanto quanto seu longínquo país. Como epitáfio, talvez coubesse uma última sentença de Mme de Staël: “*L'exil est quelquefois, pour les caractères vifs et sensibles, un supplice beaucoup plus cruel que la mort*”²³.

22 Tradução nossa. No original : “[Pendant le séjour de 1872 à 1875], la fièvre jaune vient m’assaillir et les conséquences m’avertirent que mon tempérament ne s’accommodait plus du climat de ma propre patrie... Je sentis donc le besoin impérieux de m’éloigner le plus tôt possible de ce climat, et mon cœur se serra tellement que tout m’apparaissait maintenant à travers un nuage lugubre”.

23 “O exílio é às vezes, para os temperamentos vivos e sensíveis, um suplício mais cruel do que a morte”.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéité(s) Enonciative(s). *Langages*, 73, p. 98-111.
- CARELLI, Mario. *Culturas Cruzadas: Intercâmbios culturais entre França e Brasil*. São Paulo: Papirus, 1994.
- DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta – Vida e Obra*. Natal: Editora da UFRN, 1995; 2. ed. Natal: Editora da UFRN, 2008.
- _____. As viagens e o discurso autobiográfico de Nísia Floresta. *Matraga: Rio de Janeiro*, v. 16, 2009, p. 73-87.
- DUVIOLS, Jean-Paul. *Voyageurs français en Amérique: colonies portugaises et espagnoles*. Paris: Bordas, 1978.
- FERREIRA, Ligia Fonseca. Itinéraire d'une voyageuse en Europe: Nísia Floresta (1810-1885). In: *Cahiers du Brésil Contemporain*. Paris: Maison des Sciences de l'homme, n. 12, 1990, p. 21-42. Disponível em: <<http://www.revues.msh-paris.fr/vernumpub/3-L.%20Fonseca.pdf>>.
- _____. Les positivistes brésiliens face à l'esclavage et à la question ethnique au Brésil. In: *Cahiers du Brésil Contemporain*. Paris: Maison des Sciences de l'homme, n. 19, 1992, p. 43-67.
- FLORESTA, Nísia. *Opúsculo humanitário*. Introdução e notas de Peggy Sharpe-Valadares; posfácio de Constância Lima Duarte. São Paulo: Cortez Editora, 1989.
- _____. *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*. Paris: Firmin Didot, 1857, 206 p.
- _____. *Trois ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce*, par une Brésilienne. Paris: E. Dentu, 1864, tome I, 392 p.; tome II, 354 p.
- _____. *Le Brésil*, par Mme Brasileira Augusta. Paris: A. Sagnier, 1871, 49 p.
- _____. *Fragments d'un ouvrage inédit: notes biographiques*. Paris: A. Chérié, 1878, 111 p.
- _____. *Le Brésil*, par Mme Brasileira Augusta. Paris: A. Sagnier, 1871, 49 p.
- _____. *Opúsculo humanitário*. Introdução e notas de Peggy Sharpe-Valadares; posfácio de Constância Lima Duarte. São Paulo: Cortez, 1989.
- _____. *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, por Mary Wollstonecraft. Tradução livre e adaptação Nísia Floresta. Recife: Typographia Fidedigna, 1832.
- _____. *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. 4. ed. Posfácio de Constância Lima Duarte. São Paulo/Brasília: Cortez/INEP, 1989.
- _____. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Tradução de Francisco das Chagas Pereira e estudo; notas biográficas de Constância Lima Duarte. 2. ed. Florianópolis: Editora Mulheres/Edunisc, 1998.
- _____. *Três anos na Itália*, seguidos de uma viagem à Grécia. Tradução de Francisco das Chagas Pereira; apresentação de Constância Lima Duarte. Natal: Editora da UFRN, v. 1, 1999.

- _____. *Fragments de uma obra inédita: notas biográficas*. Tradução de Nathalie Bernardo da Câmara; apresentação de Constância Lima Duarte. Brasília: Editora UnB, 2001.
- FUMAROLI, Marc. *Quand l'Europe parlait français*. Paris: Éditions de Fallois, 2003.
- KRISTEVA, Julia. *Étrangers à nous-mêmes*. Paris: Fayard, 1988.
- LEMAÎTRE, Henri. *Dictionnaire Bordas de Littérature Française*. Paris: Bordas, 1985.
- NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. 10. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.
- ROSENTHAL, Erwin. *Tradução, ofício e arte*. São Paulo: Cultrix, 1968.
- STAËL, Madame de. *De l'Allemagne*, tome premier, 2e édition. Amsterdam: G. Dufour, 1814.
- TODOROV, Tzvetan. *Nous et les Autres*. Paris: Seuil, 1989.
- WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*. Tradução Ivania Pocinho Motta; prefácio: Maria Lygia Quartim de Moraes. São Paulo: Boitempo editorial, 2016.